
Palavra¹, Profanar e (Re)existir no Espaço Público: Corpos Dissidentes no Centro de São Paulo²

Gabriela Cleveston Gelain³

Programa de Pós-Graduação em Práticas de Consumo ESPM, São Paulo, SP.

Resumo: O objetivo deste trabalho é compreender como os sujeitos na cultura comunicacional urbana “*Slam Marginália*” rompem com a ideia de corpo na cidade através da linguagem verbal, de modo a mostrar um corpo não-colonizado, *queer*, como lugar possível de se escapar de uma dicotomia identitária, de binarismos, das naturalizações e normatizações relativas a sexualidade e gênero. Através do início de uma cartografia (Rolnik, 2011), percebemos que os sujeitos afirmam suas (re)existências por meio de suas corpografias urbanas (Britto, 2010), escritivências (Evaristo, 2018) e do uso do dialeto *pajubá/bajubá*, *queerificando* a linguagem (Borba, 2015). Além disso, parecem profanar o espaço público em que ocupam no centro de São Paulo, também lugar de micro-resistência por parte do grupo (Jacques, 2010).

Palavras-chave: corpo; *poetry slam*; culturas urbanas; espaço público; *queer*.

Introdução

O objetivo deste trabalho é compreender como as pessoas que integram a cultura comunicacional urbana “*Slam Marginália*” rompem com a ideia de corpo na cidade através da linguagem verbal (oral e escrita), de modo a mostrar um corpo não-colonizado, *queer*, como lugar possível de subversão, escapando de uma dicotomia identitária e de binarismos, das naturalizações e normatizações relativas a gênero e sexualidade. Ao longo do texto, trazemos uma breve noção do que são os *Slams* de poesia e uma primeira aproximação aos estudos *Queer*, pois assim como Gonzatti (2016, p.16), compreendemos que "Há uma força nesses estudos que, ao meu olhar, parece sinalizar para uma compreensão de todas as diferenças que são transformadas em

¹ Autorizo a avaliação e possível seleção deste artigo para publicação no e-book a ser organizado pelo GP Comunicação e Culturas Urbanas

² Exemplo: Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

³ Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo PPGCOM ESPM-SP. Mestra em Ciências da Comunicação pela UNISINOS (2017). Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM (2014). Bolsista CAPES com dedicação exclusiva. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Juvenália PPGCOM ESPM-SP. Integra a Kismif Conference em Portugal (UP). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: gabrielagelain@gmail.com

desigualdades", também por isso ao longo do texto utilizaremos a sigla LGBTQ. Assim, tomamos como aporte metodológico o início de uma cartografia (Rolnik, 2011), realizada ao longo do primeiro semestre de 2019, em três encontros presenciais em março, abril e maio.

Então, no presente artigo analisamos fragmentos de falas, poesias e postagens do *Slam* Marginália que foram coletadas presencialmente e em suas redes sociais. Por fim, localizando nossa pesquisa, procuramos refletir sobre: a) a cidade, profanar o espaço público e entendê-lo também como uma micro-resistência (JACQUES, 2010; CRUCES, 2006;); b) o corpo (BRITTO, 2010; GONZÁLEZ-VICTÓRIA, 2011; GUATTARI E ROLNIK, 1986), o mito (BARTHES), a língua e a linguagem (BARTHES, 1989; BAKHTIN, 1988); c) o estereótipo (LIPPMANN, 1972), o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) e as escrevivências (EVARISTO, 2018 e 2019) no universo destes sujeitos que se aproximam do *Queer* (LOURO, 2003; SCOTT, 1995; BUTLER, 2014).

1. Poesia em frente ao Mosteiro “da Dona Benta” e Questões de Gênero

Não há uma definição única para designar o que seria um encontro intitulado *Slam*, uma vez que constitui um universo envolvendo texto, poesia, oralidade, palavra, voz e performances elaboradas por sujeitos que muitas vezes se denominam poetas. No entanto, podemos descrever que os encontros intitulados *Slams* são "batalhas de versos" ou "batalhas de poesias" urbanas, campeonatos de performances poéticas, espaços poético-políticos e a arte de expressar poesias autorais inspiradas em uma união do "*spoken word*", termo ligado à Geração *Beat*, com o movimento *hip hop*. Assim, a cultura urbana *Slam* teve início na década de 1980, em Chicago, nos Estados Unidos, com o poeta Marc Smith e foi disseminada para diversas partes do mundo.

Segundo Neves (2017), a palavra *Slam* vem de uma onomatopeia da língua inglesa, criada por Smith que se baseou no som de uma batida, uma sonoridade do tipo "pá!". Neste encontro, são necessárias algumas regras: a) três poemas de autoria própria que serão declamados durante rodadas eliminatórias, de até três minutos cada; b) não são permitidos enfeites ou adereços, figurinos e nem acompanhamento de música (como

o *beat*, que acompanha o *rap*, na cultura *hip hop*); c) as notas são dadas por um júri popular. Além de um espaço de fala, participar de um *Slam*, seja enquanto poeta ou ouvinte, é um convite à escuta (DUARTE, 2019). No Brasil, o *Slam* foi disseminado com a iniciativa de Roberta Estrela D’Alva, em São Paulo (2008), quando juntamente com o coletivo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, criou o “ZAP! Zona Autônoma da Palavra”. Segundo Mel Duarte (2019), o *poetry slam* já atingiu pelo menos 18 dos 26 estados do Brasil, sendo que 8 deles possuem um recorte feminino.

Em São Paulo, desde outubro de 2018 há um encontro urbano do tipo *Slam* voltado para sujeitos transgêneros, pessoas não-binárias e gêneros dissidentes, que se mistura junto aos sinos de um mosteiro, em uma paisagem na região central da cidade, com a seguinte abertura: “*Rimando com as marginal, e fumando com a gentalha, o cis(tema) vai cair, no Slam Marginália!*”. O encontro acontece no coração de São Paulo, em frente a uma das entradas do metrô da linha azul São Bento, localizado em frente ao Mosteiro São Bento. Ao longo dos nossos primeiros movimentos cartográficos, percebemos que ali foi formada uma rede, muito inspirada a partir da Batalha Dominação, encontro de batalha de rap organizada para e por mulheres (cis e trans).

Também frequentamos a batalha de rap, mas além da ausência do beat (batida do rap) neste encontro, as questões de gênero e os corpos ali presentes são outros, outras, *outras*, *outrxs*, outras identidades de gênero e sexualidades encontram e podem encontrar espaço: travestis, *crossdressers*, bichas, pessoas não-monogâmicas, pansexuais, assexuais, agêneros, gêneros-fluidos, polisssexuais, bissexuais, sapatonas, viados, gays, *queers*. Portanto, há uma pluralidade de identidades de gêneros e sexualidades que poderiam ser relacionadas ao que academicamente os estudiosos de gênero chamam de *Queer*, e que são vistos como seres abjetos na sociedade, escapando dos estereótipos (LIPPMANN, 1972) hétero-cis-normativos.

Segundo Germano (2017), o *Queer* surgiu por meio de teóricos da sociologia e filosofia, como Foucault, Butler, Sedgwick, Hocquenghem e Warner, pioneiros nesse campo, embora Foucault nunca tenha utilizado o termo em sua obra. No entanto, os primeiros desdobramentos do *Queer* iniciaram após a Rebelião de Stonewall, uma série

de motins espontâneos de membros da comunidade LGBTQ contra a polícia em Nova York em 28 de junho de 1989, no bar Stonewall Inn na cidade. Este movimento urbano era contrário ao assimilacionismo do chamado movimento Homófilo nos Estados Unidos. No entanto, foi só em 1990 que a organização ativista *Queer Nation* surge em Nova Iorque. Esta se apropriou da palavra *Queer* (muito pejorativa no inglês) para utilizá-la contra os LGBTfóbicos. Assim, afirmaram-se como *queers* (estranhos, viados), transformando a palavra em uma forma positiva e orgulhosa de manifestarem as suas diferenças.

Antes de uma discussão acerca do *Queer* acontecer, os estudos na academia concentraram-se nas mulheres, e também ao longo dos debates e das três ondas do movimento feminista, depois nos homens e por fim na comunidade LGBTQ. Um dos pontos de maior destaque dentro da teoria de gênero é mostrar os modos que as pressuposições heteronormativas relacionadas a categorias identitárias de gênero pré-definidas são parte de um discurso de dominação. Para Butler (2014, p.253), gênero é "o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados". De acordo com Scott (1995), quando os historiadores procuraram encontrar os modos pelos quais estes conceitos asseguram, legitimam e elaboram as relações sociais, que eles começaram a entender a natureza mútua do gênero e da sociedade e as maneiras específicas de forma a considerar as circunstâncias e analisar conforme o contexto pelos quais o gênero é constrói a política e a política constrói o gênero.

Entendendo a opressão das mulheres, corpos e *corpas* LGBTQ e gêneros dissidentes como parte de uma naturalização de uma dominação masculina, branca e patriarcal que é construída historicamente, podemos refletir sobre o mito, segundo Barthes (1982). Compreendemos que a heterossexualidade como imposição de uma sexualidade "universal" é um conceito mítico e, ao expormos as representatividades *Queer* - seja através da mídia, do *Slam* investigado, nas redes digitais ou nas ruas de outros modos - podemos aos poucos alterar este conceito, já que não existe nenhuma rigidez nos

conceitos míticos, ou seja, os mitos podem desfazer-se, desaparecer completamente, (re)construir-se, modificar-se, pois são históricos.

Segundo Miskolci (2005), foi essencial para o desenvolvimento da Teoria *Queer*, o conceito de complementaridade criado por Derrida. Nossa linguagem verbal opera em binarismos, de forma que o hegemônico só se constrói em uma oposição necessária a algo inferiorizado e subordinado. É interessante perceber que os binarismos não aparecem só nas questões de gênero, mas também nas vivências da cidade que acompanhamos, as diferenciações fundantes da urbanidade (CRUCES, 2006): consumo/profissional, público/privado, casa/trabalho, artificial/natural, arte/vida, consumo/produção, espaço cultural/espaço útil, espaço de lazer/espaço de trabalho. Assim como na teoria feminista, no *Queer* e pensando os corpos dissidentes, precisamos nos perguntar o que há no “entre” destas categorias, como elas se fundem e se entrelaçam, como não são fixas e imutáveis, assim como Haraway (1994) já questionava para pensar a categoria “mulher” e o feminismo em seu Manifesto Ciborgue.

Destá forma, em um exemplo importante aos pesquisadores e pesquisadoras *queer*, a heterossexualidade só existe em oposição à homossexualidade, compreendida como seu negativo inferior e abjeto. Ainda que não expressa, a homossexualidade é o Outro sem o qual o hegemônico não se constitui nem tem como descrever a si próprio. Para Scott (1995), é fundamental romper com a lógica de um pensamento dicotômico e polarizado para pensar gênero, onde mulheres e homens são pólos opostos que se relacionariam em uma lógica imutável de dominação-submissão, e por isso a teoria *Queer* incomoda através de suas indagações. Ou seja, quando o outro não existe, ele necessita ser inventado. “Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária”(LOURO, 2003, p.34).

Estou preso em mim. Eu não sou ela. Eu sou o [André⁴], oi! Olha eu aqui. Não quero ser como você, serei estúpido se eu pensar assim. Tanto já gritei que agora tô falando na moral que é pra ver se tu consegue ouvir! Mas... ainda... preso. Em mim. (...) Por mais quanto tempo vou ter que aguentar as

⁴ Para preservar a identidade do/da poeta, decidimos modificar o nome nesta transcrição.

frequentes trocas de pronome, mano? Tu já sabe o meu nome! Já me viu declamando poesia, já ouviu como o pessoal fala comigo! (Trecho de poesia falada no Slam, transcrição nossa, 04/04/19)

Ainda com relação a binarismos e a questões de gênero, retomamos Barthes (1989), quando fala da relação entre alienação e língua e se refere à linguagem como fascista, uma vez que o “fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. Só a literatura é capaz de “ouvir” a língua fora do poder: “Sou obrigado a escolher sempre entre o masculino e o feminino, o neutro e o complexo me são proibidos” (BARTHES, p.12, 1989). O neutro e o complexo aqui podem ser associados a ideia do *queer*, do corpo de gênero dissidente, dos sujeitos do *Slam* que rompem com a imposição do que se espera de um corpo (normativo) na sociedade.

2. Cidade, Profanação do Espaço Público e Corpo: (Re)existências

O universo dos nossos sujeitos de pesquisa é envolto por temas sobre corpo, afetos, teoria *Queer*, performance, palavra. No entanto, os ritos onde encontros de *Slams* geralmente são realizados são nos centros das cidades, geralmente nas capitais, como já presenciamos em Porto Alegre (RS), e agora nossa pesquisa é realizada no centro de São Paulo (SP). De acordo com González-Victória (2011), a cidade é um espaço de negociação social, de enfrentamento, horizonte de conflito, terreno de diálogo e um espaço em que há a reprodução de identidades e diferenças sociais, fruto das práticas e fluxos acumulados no tempo/espço. Segundo o autor, essa complexa noção de espaço é o que sustenta a ideia de cidade, configura uma realidade de natureza comunicativa e supõe a interlocução dos atores sociais no terreno do urbano. Para Cruces (2016), as cidades não seriam apenas uma questão de limites e fronteiras espaciais, mas também de articulação de tempos e ritmos. Seriam locais não acabados, não-prontos, que articulam processos espaciais, econômicos, políticos, culturais, demográficos, tecnológicos, de uma ordem do dinâmico, do que não é estável, repletos de disposições urbanas.

"Tomamos consciência de que a cidade é o resultado das histórias que contamos sobre ela. Somos, como em tantas coisas da vida, leitor em fábula" (CRUCES, 2006, tradução nossa, p.18). Ele se pergunta sobre como podemos falar do urbano e das

idades hoje, a partir de tanta diversidade, acontecimentos, vidas: há algo que os unifique? Poderíamos falar ainda de uma cidade ilustrada, imaginada, que seria inexistente, de um centro urbano que deixou de ser central? Para o autor, não é o centro que está mudando, mas o que ele chama de centralidade. No encontro analisado, os sujeitos de corpos dissidentes vêm de vários locais para “batalhar” poesia na região central da cidade, ou seja, as fronteiras parecem mais “borradas” entre a questão centro / periferia.

Além disso, o *Slam* analisado neste artigo pode também ser considerado como um espaço público de micro-resistência, pois ocupa um local geográfico que contraria o uso (propósito) em que foi planejado no centro de São Paulo, na frente de uma banca de jornal, uma saída do metrô, em frente a um local religioso. Segundo Jacques (2010, p.110), a micro-resistência é uma possibilidade ao urbano que "pode ser encontrada no próprio uso cotidiano da cidade, em particular na experiência não planejada ou desviatória dos espaços públicos, ou seja, nos seus usos conflituosos e dissenciais". Para Jacques (2010), os situacionistas (tendo Guy Debord como líder nos anos 1950), realizavam a ideia de jogos urbanos como táticas contra a espetacularização, principalmente com as derivas e jogos psicogeográficos. Estes se distanciam de uma competitividade e eram pensados em um conceito de coletividade, exemplos do que podemos chamar de uma profanação urbana. Segundo Jacques (2010, p.110) "Profanar os espaços públicos luminosos significaria tirá-los desta esfera do sagrado, do consumo e da exibição espetacular, e restituí-los ao uso comum dos habitantes, passantes ou demais usuários".

O profano aqui estaria localizado em uma espécie de "passagem" do sagrado ao profano, quando houve uma devolução do uso comum dos espaços públicos apreendidos pelo espetáculo. Além disso, tal passagem pode ser pensada na ideia do jogo, "que seria um tipo de uso incongruente do sagrado, o que quer dizer que os jogos, assim como as festas e danças, podem servir como instrumentos de profanação" (JACQUES, 2010, p.110). Jacques (2010, p.111) traz um questionamento para pensarmos sobre este conceito aplicado na urbe: Se as profanações urbanas podem ser “provocadas, criadas ou construídas, como fizeram os situacionistas, será que elas também não poderiam ser

simplesmente táticas de sobrevivência ou de uso cotidiano e banal, que desviam dos usos planejados para os espaços urbanos?".

"São as apropriações, escapes e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são as experiências corporais que reinventam esses espaços urbanos no cotidiano, continuamente" (JACQUES, 2010, P.113). Assim, os participantes do *Slam* Marginália reinventam a cidade a partir do espaço que utilizam para realizar seu encontro, experimentando e dando um outro "corpo" para a cidade, pela simples ação de praticar essa ocupação de modo distinto do que o objetivo para o qual foi projetado. Deste modo, por ocuparem um local "fixo" em frente ao Mosteiro São Beto, os indivíduos que fazem parte do *Slam* estudado profanariam este espaço, segundo Jacques (2010). Também compreendemos o evento observado como parte de uma corpografia urbana, a presença corporal na rua, esta segundo Britto (2010, p.14), uma "espécie de cartografia corporal, em que não se distinguem o objeto cartografado e sua representação, tendo em vista o caráter contínuo e recíproco da dinâmica que os constitui". Então, através desta corpografia ou cartografia corporal, a experiência nas cidades estaria atrelada no próprio corpo do indivíduo que participa dela, ao mesmo tempo em que esta experiência configura a sua corporalidade, mesmo que de modo involuntário. É necessário ressaltar que outros atores também participam do *Slam* investigado integrando esta corpografia, para além de poetas e do público que assistem o evento em frente ao Mosteiro, como: a) vendedores ambulantes às vezes estão no local (o "tio" da carrocinha de bebidas, pessoas vendendo fanzines, brincos e que são amigos de pessoas do *slam*); b) moradores de rua curiosos, mendigos e bêbados que circulam na região; c) cachorros que também moram na rua, cães abandonados; d) policiais e seguranças na região do centro; e) transeuntes, pessoas voltando para casa ou indo trabalhar que param para assistir ou apenas passam pelo *slam*; f) atores não-humanos, como: a rua com cheiro de urina, o som do sino do mosteiro, os helicópteros sobrevoando o centro de São Paulo, as roupas coloridas das pessoas presentes, as mochilas no chão.

Alguns destes atores (como os moradores de rua e cães de rua) também são alvos da assepsia que é realizada pela maioria dos projetos urbanos "modernos" e

"revitalizadores" nas cidades, como afirma Jacques (2010, p.112): "Poderíamos pensar que estas táticas desviacionistas, astúcias ou usos opacos do espaço, também podem ser considerados como profanatórios, em particular quando ocorrem nos espaços públicos das zonas luminosas, sacralizadas e espetaculares...". Além disso, os sujeitos de gêneros dissidentes participantes do encontro observado também se importam com os outros corpos ali presentes para além de sua cultura comunicacional urbana, como pode ser visualizado em uma postagem do Facebook do *Slam* em 6 de junho de 2019: *Viu... tá frio, né? Se tiver um agasalho, calça ou coberta sobrando, leva pra gente, por favor! Lá no mosteiro é a casa de várias pessoas e se pra gente que tem residência já é osso, imagina a madruca sinistra pra quem tá na rua.* (Post no Facebook, 6 de junho de 2019, Online)

O corpo é um território físico, segundo González-Victória (2011). Para o autor, em nossa sociedade atual, ele se torna um referente. Ou seja, há uma dimensão material (objeto e imagem), uma dimensão imaterial do corpo. Ele ocupa um lugar na cidade, é depósito de repulsa, de desejo, mas também uma potência reflexiva e de discurso. Além disso, é um veículo comunicativo com o outro na sociedade e no urbano. Em seu manifesto contrassexual, Preciado (2014) propõe a contrassexualidade para pensar o corpo, uma teoria que, por se situar fora das oposições homem e/ou mulher, masculino e/ou feminino, heterossexualidade e/ou homossexualidade, oferecendo uma análise crítica sobre a diferenciação entre gênero e sexo. Para Guattari e Rolnik (1986), nós somos atribuídos a um corpo nas sociedades industriais desenvolvidas, somos produzidos para sermos capazes de desenvolvê-lo em um determinado espaço social, um espaço produtivo do qual seríamos responsáveis.

Também ao longo das três edições do *Slam*, visualizamos que uma das temáticas que aparece ao longo das poesias é a questão racial. Segundo Almeida (2018, p.60), o ser negro e o ser branco são construções sociais, e o "negro faz-se humano com a negritude e com a consciência negra, que constituem a reação intelectual e política contra as condições se lhe impostas pelo racismo". O racismo enquanto ideologia adequa-se ao inconsciente, lembrando que a ideologia é uma prática, e não é um espelho da realidade material, das relações concretas, mas a imagem da correlação que temos

destas relações. À vista disso, podemos dizer que o *Slam* analisado é também um espaço onde há uma crítica e um debate sobre o racismo estrutural: *"Eu vou descer o pau, é o preço do revide. Dentro de um navio negreiro: Cheguei! Terra Brazilissss. Mas eu escuto seus batimentos (...) Eu vou lhe devolver o seu exército nazista! Eu vou lhe caçar e com o couro das suas costas eu vou fazer um Louboutin"* (Trecho de poesia falada no *Slam*, transcrição nossa, 02/05/2019) e também encontrada em outro trecho:

“Hip Hop? Cês acham mesmo que alguém liga pra rima? Pra pobre? Negro ainda vai ser sinônimo patenteado das solas dos nossos sapatos. A gente é europeu, querido! Aqui todo mundo é feliz, bonito e saudável! Aqui todo mundo comem gluten *free*, ninguém precisar repartir, partir, imigrar. [...] A pele de vocês vai ser sempre um registro maldito de todas as famílias usurpadas, arrancadas e assassinadas dos quais a gente teceu o bordado dos nossos casacos. É isso que vocês são? É isso que vocês são? É isso? ASSUME! ASSUME! Cambada de branco safado! ASSUME! Assume que é isso que a tua história conta.” (Trecho de poesia falada no *Slam*, transcrição nossa, 02/05/2019)

Ao longo das poesias, além das questões sobre racismo estrutural (ALMEIDA, 2018), estes corpos mostram as dificuldades que emergem em seu cotidiano, seja na busca por uma espiritualidade, nos conflitos de gênero dentro da família, no passado, nos conflitos amorosos. Outros temas que surgiram são a história e a violência contra travestis, psicologia, gordofobia, sexo, romance, masculinidade normativa, homonormatividade, meritocracia, dificuldades emocionais, suicídio, desafetos com o vizinho do prédio, insatisfação no trabalho, o momento político atual.

3. *Pajubá* e Escrevivências *Queer* no Centro de São Paulo

Conceição Evaristo (2018), no livro “Becos da Memória”, demonstra que o seu processo de escrita foi uma recuperação da memória pelo que chama de *escrevivência*, uma mistura da realidade com a ficção e um dos modos de ativismo que mostra a ligação direta entre autora e obra. Nos encontro observado, entendemos que os sujeitos e sujeitas ali presentes expressam suas trajetórias e subjetividades através de suas poesias e percepções de mundo, suas “*escrevivências*”: *A luta das puta e das travesti não tem separação...porque pra gente, sempre foi assim. Seguindo um conjunto,*

lutando junta. Se as puta não tá, as travesti também não tão. Então, pra mim, a minha programação, é puta e travesti, junta na missão”(Trecho de poesia falada no Slam, transcrição nossa em 02/ 05/19).

O Slam observado é um “*espaço de reconhecimento, afeto e fortalecimento pra desakuendar o CISTema valorizando nossa arte babado, marginal e monstruosa*”⁵, como é descrito na página do Instagram @slammarginalia. Aqui, percebemos que o uso de “Cis” na palavra “Sistema” é uma forma de ligar “Sistema” a questão de cisgeneridade, que nos estudos de gênero é um termo para indivíduos no qual a sua identidade de gênero corresponde ao sexo que lhes foi atribuído no momento do nascimento – o contrário da palavra transgênero. Já com relação à página no Facebook do grupo, há a descrição do que seria o encontro como: “*Slam Marginália é o pajubá⁶ tomando de assalto as batalhas de poesia, corpos trans, travestis, não-binárias e todas as identidades dissidentes.*” Aqui, nos chama atenção a palavra *pajubá* (também chamada *bajubá*), que explica o uso de um dialeto da linguagem popular que é utilizada pela comunidade LGBTQ, uma fala que tenta romper com uma estrutura de poder binária: “Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva” (BARTHES, 1989, p. 11).

De acordo com a reportagem de Eler (2018), o *pajubá* pode ser definido como o repertório vocabular e performativo de uma parte da comunidade, uma mescla de um português informal com uma fala próxima a línguas africanas, palavras que possuem origem no *ioruba* e *nagô*, grupos étnico-linguísticos de países da África Ocidental, que surgiram no Brasil por meio dos escravos africanos. Entre algumas palavras utilizadas no universo LGBTQ estão: “mona”, “bafo”, “babado”, “aquendar”, “uó”, “amapoa”, “aqué”. No encontro, os jurados (ou “jurades”, como os/as organizadores/as falam) vão dar as notas para os/as poetas, há uma “regra” no evento que é gritar “Bafooooo!” quando surge a nota 10, e “Uóoooo!” quando for uma nota 9.9 ou abaixo desta. Ou seja, as palavras “Bafo” e “Jurades” também são originadas de uma linguagem verbal *pajubá*

⁵ Retirado da descrição da página do Facebook do Slam: https://www.facebook.com/pg/slammarginalia/about/?ref=page_internal Acesso em 05/06/2019.

⁶ “Nascido na ditadura e com origem no iorubá e nagô (grupos étnico-linguísticos africanos), vocabulário reúne apropriações linguísticas feitas por homossexuais e travestis” (Eler, Online, 2018) Retirado de: <https://super.abril.com.br/cultura/o-que-e-o-pajuba-a-linguagem-criada-pela-comunidade-lgbt/> Acesso em 05/06/19.

/ *bajubá* utilizada por este grupo. Uma quebra de estereótipo sobre “ser travesti” foi percebida em nosso campo no mês de abril, quando uma das vozes importantes no *Slam* observado, entre uma e outra batalha de poesia afirmou: “*Sabe, tu foi uma das primeiras que eu vi recitar poesia nos Youtube... aí eu disse... Olha! Travesti também faz poesia!*”. Lippman (1972) também conceitua o estereótipo como uma antecipação do que vemos sobre o mundo, seria quase como um fato biológico: o entendimento do mundo social enquanto cisgênero e heteronormativo recai, muitas vezes, sob a lógica de que imaginamos a maioria das coisas do mundo antes de presenciá-las, experimentá-las e procurarmos compreendê-las, essas concepções governam profundamente todo o processo da percepção,

Com relação à sintaxe e à gramática na língua portuguesa (e as alterações destas por certos grupos, como no *Slam* aqui estudado) lembramos que Bakhtin (1988) visualizava a linguagem como um constante processo, uma relação de interação mediada pelo diálogo e não unicamente como um sistema individual e autônomo: a língua será social e a palavra é um signo produzido neste social, só vai existir nesta relação e além disso, é fruto de uma convenção. A palavra então é permeada pela realidade fônica e gráfica, mas também pelo som e pelas relações sociais:

E se não estivesse abandonada, vivendo na encruzilhada, seria e somos muitas travestis ensanguentadas: sanguinolentas, malcriadas, vagabundas, solitárias. Perseguidas. Felizardas. Bem gostosas. Odiadas. A Travesti ensanguentada... com o coração sobre a pele... repulsa na calçada. Repulsa, repulsa. O coração repulsa nas calçadas. Nos olhos, na carne mal passada. Eu... a travesti... nos olhos. Eu, a travesti, nos olhos. Eu e a travesti nos olhos. Nos olhos... nos olhos... nos olhos... repulsa. (Trecho de poesia falada no Slam, transcrição nossa, 02/05/19)

Para Barthes (1989) o objeto em que se inscreve o poder e que está enraizado em qualquer discurso é a linguagem. Portanto, podemos observar que a linguagem verbal (oral e escrita) também oprime as questões de gênero, tanto na gramática do português quanto enquadra os substantivos como masculinos e femininos por meio de artigos (o caso da maioria das línguas no mundo), como “a cozinha”, “o banheiro”: Nas postagens e textos do *Slam* aqui pesquisado no Facebook, utilizam a letra “K” no lugar de “Q”, o uso de gírias próprias da comunidade LGBTQ (*pajubá*, como foi exposto), além do

texto informal. "A ortografia é artificial, ao contrário da língua, que é natural. A ortografia é uma decisão política, é imposta por decreto, por isso ela pode mudar, e muda de uma época para outra" (BAGNO, 2017, p. 142). Podemos pensar na decisão dos corpos presentes no *Slam* analisado de transgredir a ortografia fazendo uso de letras maiúsculas no meio das frases, usando outros modos de usar o plural (*transviades, meninas, querides*), fazendo uso de gírias e expressões inspiradas em outras culturas que foram subalternizadas, como no Brasil através do *pajubá / bajubá*. Borba (2015) reflete sobre uma possível linguística *Queer* (o que chama de "*Queerificar* a linguagem"), área de investigação que tem se formado para pensar os espaços "entre os discursos dominantes (i.e. heteronormatividade) e a performance linguística situada e tem-se mostrado, assim, como um campo promissor para o estudo de como fenômenos macro-sociológicos que produzem certos indivíduos como seres abjetos" (BORBA, 2015, p.94) e como estes indivíduos são desafiados nas particularidades mais pequenas da nossa sociedade, perceptivelmente na linguagem proferida diariamente.

Considerações Finais

Por meio de sua corpografia urbana (BRITTO, 2010), os sujeitos do *Slam* Marginália afirmam as suas (re)existências e resistências na região central da cidade. Com suas poesias, fazem uso deste espaço-tempo para expressar suas formas de sentir no e o mundo, (re)construir suas subjetividades, que segundo Bakhtin são produzidas socialmente e possuem uma dimensão política que é atravessada pela linguagem. Deste modo, por meio da linguagem verbal (oral e escrita) constroem outros corpos que escapam de uma normatividade (GONZÁLEZ-VICTÓRIA, 2011; GUATTARI E ROLNIK, 1986), muitas vezes por meio do dialeto *pajubá / bajubá*, queerificando a linguagem (BORBA, 2015). Além disso, parecem profanar o espaço público que ocupam em São Paulo, este também lugar de micro-resistência urbana (JACQUES, 2010; CRUCES, 2006).

Ainda que a nossa análise recaia sobre a linguagem verbal nesta cultura comunicacional urbana, por meio de postagens nas redes sociais digitais e de trechos das poesias, faz-se necessário destacar que os próximos movimentos cartográficos

solicitam um olhar mais atento aos demais eventos organizados por elxs: os atravessamentos, os afetos, os fluxos, as ações implicadas para além do discurso e textos ali comunicados. Por fim, entendemos que realizar essa reunião de pessoas trans e gêneros e identidades dissidentes no centro da cidade de São Paulo também é comunicar, no urbano, o avanço por um espaço de fala, escuta, resistência e acolhimento.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Sílvio. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Letramento, 2018.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. A Interação verbal. In: _____ **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARTHES, Roland. O mito hoje. In: _____ **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1982.
- BARTHES, Roland. **A aula**. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: Uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas** – Vol. 9, n. 1 (jan./jun. 2015). Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/entrelinhas/article/viewFile/10378/4862> Acesso em: 10/06/19.
- BRITTO, Fabiana Dultra. Co-Implicações entre corpo e cidade: da sala de aula à plataforma de ações. In: In: JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. **Corpocidade** : debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n° 42, Campinas Jan./June 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000100249&script=sci_arttext&tlng=es#fn01. Acesso em 6 de junho de 2019.
- CRUCES, F. (coord). **Cosmópolis**: nuevas maneras de ser urbanos. Barcelona: Gedisa, 2016.
- DUARTE, Mel. Rompendo o silêncio através da poesia falada. In: DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p.9-12.
- ELER, Guilherme. O que é o pajubá, a linguagem criada pela comunidade LGBT. **Revista Super Interessante**, São Paulo, 5 de nov. de 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/o-que-e-o-pajuba-a-linguagem-criada-pela-comunidade-lgbt/> Acesso em 03 de jun. de 2019.

-
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2018. 3.ed.
- EVARISTO, Conceição. Prólogo In: DUARTE, Mel. Rompendo o silêncio através da poesia falada. In: DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p.13-16.
- GERMANO, Lucas. O que é a Teoria Queer? **Medium**. 2 de fev. de 2017. Retirado de: https://medium.com/@lucas_germano/o-que-%C3%A9-a-teoria-queer-5c084c0b6cfd Acesso em 10/06/19.
- GONZÁLEZ-VICTÓRIA, Luis Manuel. Artes de acción: re-significación del cuerpo y el espacio urbano. **Revista nodo** n.10, vol, 5, año 5: 55-72. Janeiro-Junho de 2011. p.55-72
- GONZATTI, Christian. **Bicha, a senhora é performática mesmo**: sentidos *queer* nas redes digitais do jornalismo pop. [Dissertação de Mestrado] Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa em Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2017.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- HARAWAY, Donna. Um manifesto para os ciborgues: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, H. B. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JACQUES, Paola Berenstein. Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas In: JACQUES, Paola B; BRITTO, F. **Corpocidade** : debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.
- LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles S. (org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1972. p.149-15
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015
- NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams - Letramentos Literários de Reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.
- SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.